

## AS MULTIFACES DA VELHICE

Ms. Ângela Roberta Lucas Leite (1); Dra. Maria do Socorro Sousa de Araújo(2)

<sup>1</sup>(Autora, mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão, UFMA, e-mail: [angelarobertalucas@gmail.com](mailto:angelarobertalucas@gmail.com)); <sup>2</sup>(Co-autora, doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão, UFMA, e-mail: [contato.socorro@gmail.com](mailto:contato.socorro@gmail.com))

**Resumo:** envelhecer é um processo heterogêneo do desenvolvimento humano, sendo que cada pessoa o vivencia de uma forma, de acordo com sua história particular, advinda da sua condição de classe, gênero, etnia, saúde e educação. Diante dessa compreensão, faz-se necessário uma análise sobre como os velhos e velhas percebem suas velhices. Buscamos analisar as representações sociais acionadas sobre velhices por aposentados (as) do serviço público estadual do Maranhão, integrantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI) em São Luís/MA. Na pesquisa, utilizamos as ferramentas teórico-metodológicas de Pierre Bourdieu (2010, 2013) para compreensão das representações sociais. Os dados foram coletados através de observação direta e de entrevistas semiestruturadas realizadas com quatorze (14) aposentados (as). Observamos nos resultados que as representações sociais de velhices acionadas pelos entrevistados são legitimadas conforme as vivências de cada um, bem como os critérios que determinam ser velho são acionados a partir das dimensões do tempo e do corpo, das dimensões emocionais, afetivos e pessoais e das dimensões socioculturais.

**Palavras-chave:** Velhice, Velho, Representações Sociais, PAI.

### Introdução

Entender como a velhice é percebida e divulgada pela sociedade é uma maneira de compreender as ações, comportamentos e sentimentos para com a(s) mesma(s) por parte dos indivíduos que compõem essa estrutura social. Desta maneira, os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, que permeiam as relações sociais dos indivíduos em uma sociedade, em um determinado momento histórico, são capazes de definir o olhar que essa sociedade assume perante o velho e, conseqüentemente, o tipo de relação estabelecida entre eles.

Nesse sentido, assumimos nossa posição perante a utilização dos termos velho e velhice. Baseada em autores como Hillman (2001), Beauvoir (1990), Zimmerman (2000) e Serra (2014; 2005), acreditamos que o termo mais apropriado para designar as pessoas envelhecidas seja velho, pois, para nós, ser velho é o resultado de envelhecer; ser velho é estar em processo contínuo de transformação. A concepção de velha e velho adotada nesta pesquisa não remete simplesmente a causa do envelhecimento humano, mas por apresentar o seu valor associado às imagens de velhice, ou seja, o que define o que é ser velha e velho, são os critérios acionados para definir a velhice. Assim, substituir o termo velho por outros como 'melhor idade' ou 'terceira idade' não mudará por si mesmo os critérios acionados para classificar a velhice, tampouco diminuirá os

preconceitos e os estereótipos que necessitam ser superados na construção da identidade de velhas e velhos e na perspectiva de valorização desses homens e mulheres em nossa sociedade. A nossa opção está, portanto, referenciada na perspectiva de construção de uma prática de organização que possibilite às velhas e aos velhos assumirem uma nova identidade política, rompendo com os estigmas usualmente a eles atribuídos.

As categorias velhice e velho tornam-se construções históricas e sociais, à medida que situa esse indivíduo velho na estrutura social e determina a posição que ele irá ocupar dentro dela, principalmente, em proveito da ordem social e do poder. A posição social por ele ocupada é definida pelos capitais objetivados (o econômico, o cultural e o social) e o sistema de disposições incorporado e interiorizado (*habitus*<sup>1</sup>) que constituem as práticas que classificam as distinções sociais (região<sup>2</sup>).

O *habitus*, como um sistema de disposições interiorizado e incorporado pelas práticas sociais, fundamenta as condutas regulares, que levam a distintos estilos de vida. Bourdieu (2007) enfatiza que o *habitus* tem sua origem no comportamento, nas preferências e gostos das pessoas, e, portanto, refletem em suas práticas. Essas práticas são transferidas para o campo e podem vir a ser compartilhadas por todo o grupo, constituindo assim os estilos de vida. O autor ainda enfatiza que as preferências manifestadas – o gosto<sup>3</sup> – são responsáveis pela distinção que une e separa as pessoas em grupos sociais, ou seja, une todos aqueles que são produtos de condições semelhantes ao mesmo tempo que os separa daqueles que não compartilham das mesmas condições, uma vez que são o “princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado” (BOURDIEU, 2007, p. 56).

Diante da análise que Bourdieu (2007) sobre distinção, é possível explicar e justificar o comportamento das pessoas em defenderem ou repudiarem as categorias velhice e velho. Quando um determinado grupo toma para si uma verdade, tende-se a justificá-la pela

---

<sup>1</sup> O *habitus* são sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los” (BOURDIEU, 2013, p. 87).

<sup>2</sup> Região é concebida como: um “acto da magia social que consiste em tentar trazer à existência a coisa nomeada pode resultar se aquele que o realiza for capaz de fazer reconhecer à sua palavra o poder que ela se arroga por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nova visão a uma nova divisão do mundo social: regere fines, regere sacra, consagra um novo limite” (BOURDIEU, 2010, p. 116).

<sup>3</sup> Para Bourdieu (2007, p. 216) a definição de gosto remete ao “sistema de classificação constituído pelos condicionamentos associados a uma condição situada em determinada posição no espaço das condições diferentes - rege as relações com o capital objetivado, com este mundo de objetos hierarquizados e hierarquizantes que contribuem para defini-lo, permitindo-lhe sua realização ao especificar-se”. (83) 3322.3222

afirmação de suas preferências e gostos e pela negação e recusa de outros gostos, ao gosto dos outros.

É neste embate de e pela legitimação de um ponto de vista, de uma visão de mundo, entre aqueles que buscam impor um novo sistema de classificação e os defensores do antigo, que as representações trazem consigo a classificação dos indivíduos como uma forma de operação que consiste em hierarquizar as coisas do mundo. Nesse caso, a velhice torna-se uma categoria socialmente construída na história das sociedades à medida que se apoia em critérios de classificação social, de di-visão que permite determinar em que momento as pessoas podem ser consideradas velhas (ou não).

Nessa perspectiva, a proposta desta pesquisa visa trabalhar as distintas concepções de velhice (s), cuja finalidade pauta-se em responder os seguintes questionamentos: O que é velhice? Quando ela começa? Quais os critérios que demarcam esse início? Quais critérios são acionados para classificação da velhice? Assim, buscamos identificar e analisar que concepções de velhice são acionadas a partir dos discursos (re) produzidos por velhas (os) integrantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), em São Luís/MA, tendo em vista contribuir para a compreensão do processo de construção dos sentidos e significados políticos, econômicos, sociais e culturais da velhice.

Diante dessas exposições, não se pode considerar a existência de uma única velhice, mas a de várias velhices: a velhice do homem, da mulher, dos ricos, dos pobres, do intelectual, do trabalhador braçal (BEAUVOIR, 1990), pois a representação do velho torna-se uma abstração à medida que estes são compreendidos como uma massa de iguais, dotados das mesmas qualidades, dos mesmos atributos, das mesmas potencialidades e não distintos uns dos outros, únicos, singulares. Portanto, existem diversos velhos e diferentes possibilidades de viver a velhice. A velhice não é uma situação homogênea e os velhos não são iguais (MERCADANTE, 2004).

## **Metodologia**

Neste artigo, que faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “**VELHICE(S) E LAZER(ES)**: a representação do lazer por velhos (as) integrantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI) em São Luís/MA”, buscamos identificar e analisar as representações sociais (re) produzidas de velhas (os) participantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), em São Luís –

MA, sobre a categoria velhice a partir dos critérios de classificação social.

A pesquisa de cunho qualitativo, foi realizada durante o período de março de 2014 a março de 2016, cujo referencial empírico foi o Programa de Ação Integrada para o Aposentado, o PAI, no município de São Luís/MA. A escolha pelo PAI ocorreu pelo fato de que ser um programa que presta serviços nas áreas jurídicas, de saúde, sociais e culturais há mais de 25 anos, ao público de aposentados e pensionistas do Governo do Estado do Maranhão, as pessoas dos Clubes da Melhor Idade Raio de Sol e Renascer e da AAGEN (Associação dos Amigos do GEN - Gerenciamento do Envelhecimento Natural).

Diante do significativo número de informantes, determinamos como critério de inclusão para participação nas entrevistas, mulheres e homens aposentados da administração pública Pública Estadual que frequentavam as atividades de lazer do PAI há, no mínimo, 1 (um) ano sem interrupções. Foram entrevistadas 14 pessoas sendo, na sua maioria, com idade entre 70 e 79 anos, solteiros, com nível de formação superior e renda mensal de um salário-mínimo. A definição do número de entrevistas deu-se pela saturação qualitativa, ou seja, quando “o incremento de novas observações não conduz a um aumento significativo de informações” (GIL, 2002, p. 140).

O sigilo e o anonimato foram garantidos aos participantes e não houve recusa de participação. A concordância de cada participante ficou consignada pela assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na perspectiva de preservação da identidade do(a)s entrevistado(a)s adotamos nomes fictícios, que correspondem a nome de estrelas (astros que possuem luz e brilho próprios), fazendo analogia ao brilho que reluz de algumas pessoas velhas, que por sua vez, refletem a vontade de viver esta fase da vida em sua plenitude, bem como de estar na companhia de outras pessoas da mesma idade ou de outras gerações. Deste modo, a analogia proposta remete o brilho de uma estrela à energia e a força existencial que emanam de alguns dos velhos e velhas frequentadores do PAI, isto significa que brilho estaria relacionado à condição de ser velho ou velha.

O passo seguinte foi a análise e tratamento do material empírico e documental. O tratamento dos materiais recolhidos em campo foram ordenados, classificados e analisados. A fim de desvendar os significados produzidos a respeito das distintas concepções de velhice, analisamos os dados advindos dos depoimentos dos entrevistados, da observação direta, da revisão bibliográfica e documental, possibilitando assim uma tessitura entre a teoria e a empiria.

## Resultados e discussão

Procuramos investigar as concepções que velhas e velhos aposentados apresentaram sobre suas velhices e a do outro. Diante disso, ao serem questionados sobre o que pensam de velhice, como se autodenominam e como percebem sua velhice e a do outro, alguns entrevistados negaram a denominação de velhice, por acreditar estar carregada de sentidos pejorativos e depreciativos. O Sr. Achenar<sup>4</sup> relata sua preferência pela denominação idoso, repudiando a ideia de velho.

*“Sou um idoso experiente pelo tempo. Não gosto de ser chamado de velho. Velho é mais cansativo, dá ideia de não poder mais fazer as coisas”. (Sr. Achenar).*

A negação da ideia de velhice está relacionada aos preconceitos e estereótipos gerados acerca da velhice nas sociedades no decorrer dos tempos, as quais tendem a massificar a negação da velhice. Essa visão negativa nos remete a ideia produzida pela sociedade urbano-industrial, em que o velho era considerado danoso, isso porque “perdendo a força do trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor” (BOSI, 2001, p. 77).

A própria instituição onde a pesquisa foi realizada retrata essa negação do termo velho, subsistindo a expressão velho pelo termo idoso (Figura 1).



Figura 1 - Cartaz sobre velho e idoso

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

<sup>4</sup> 74anos, viúvo, mora com seu filho, nora e 3 netos. Estudou até o ensino médio e vive com uma renda de 20 salários mínimos.

Ser velho, conforme destacado, está associado à ideia de tristeza e infelicidade, representando uma pessoa que “reclama de tudo”, “amargurada”, que “fica esperando a morte” e “vive com saudades do passado”. Esses modos de pensar refletem o estereótipo negativo sobre velhice e velhos em prol da supervalorização do ser idoso, como uma pessoa que “curte a vida”, “adora viver” e “busca sempre a felicidade”. No Brasil, observamos que a partir dos anos de 1960, os termos velhice e velho foram paulatinamente substituídos pelo termo idoso (PEIXOTO, 2007), tornando-se legítimos na visão estereotipada. Essa substituição de deu em virtude do termo velho está relacionado à ideia daquele sem status social, sem trabalho e desassistido pelo Estado (PEIXOTO, 2007). Já a imagem criada da velhice, a partir do termo idoso, expressa uma visão positiva, respeitosa e ativa, contrapondo-se à de velho.

O Sr. Alfa Centauri<sup>5</sup> comprova esta visão estereotipada ao dizer que já passou da condição de ser velho e explica o motivo, fazendo uma distinção entre ser velho e ser idoso.

*“Velho é aquele que perdeu o prazer de viver, que espera apenas pela morte. [...] Hoje eu não sou velho, eu sou idoso! Sou aquele que quer continuar vivendo a cada minuto das 24 horas do dia. A pior coisa é ficar pensando na morte, porque não adianta pensa na morte, porque ela naturalmente vem no dia certo. Se ficar pensando vai perder muito tempo da vida que lhe resta”. (Sr. Alfa Centauri).*

No trecho extraído da entrevista com esse participante, pudemos inferir as termologias velhice e velho à negatividade, pois ao se autodenominar como não velho, busca desvencilhar a sua condição - de velho - dos marcadores estigmatizantes. Os preconceitos associados ao envelhecer se constituem como um conjunto de representações formado e atribuído a esse envelhecer, os quais exercem papel significativo na configuração da velhice (DEBERT, 2004).

No entanto, os resultados da pesquisa demonstram que os termos velhice e velho são também apreendidos positivamente e aceitos pelos entrevistados, conforme explicita a fala da Sra. Capela<sup>6</sup>:

*“Eu sou velha! eu visto a camisa e digo que sou velha!”. (Sra. Capela).*

O reconhecimento de si, da sua condição de velha, já é o primeiro passo para desnaturalizar essas ideias preconcebidas e estereotipadas acerca da velhice. “A pior coisa é

---

<sup>5</sup> 92 anos, viúvo, mora com seus funcionários. Coursou até o ensino médio e vive com a renda de um salário mínimo.

<sup>6</sup> 71 anos, mora com marido, 8 filhos, 3 netos e um enteado. Coursou até ensino superior e vive com a renda de 4 salários mínimos.

*renegar o que você é*”, conforme palavras do entrevistado *Sr. Spica*<sup>7</sup>. Não existe defeito em ser o que é, ser velho é uma forma de empoderamento, de resistência às mudanças impostas pela sociedade arraigada por concepções pejorativas e preconceituosas.

Outro aspecto relevante diz respeito aos eufemismos da velhice e do ser velho. No depoimento da *Sra. Vega*<sup>8</sup>, observa-se que a divisão supostamente existente entre ser velho e ser idoso é desconsiderada, superando os eufemismos criados para mascarar a velhice:

*“Essa história de ser idoso, ser velho... me dê um sinônimo de idoso de que não seja velho?” (Sra. Vega).*

Nesse sentido, os termos *idoso*, *melhor idade*, *terceira idade* são representações sociais criadas para naturalizar a negação e repulsa aos termos velhice e ser velho. Conforme já referenciado, as representações sociais da velhice surgem como expressões classificatórias do ser velho, ou seja, o que faz uma pessoa ser considerada velha são as várias interpretações associadas à velhice. Logo, estas representações tornam-se generalizadas e naturalizadas, à medida que os velhos são compreendidos com uma massa homogênea, dotados das mesmas características.

São apontados nos discursos de velhos e velhas entrevistados os critérios cronológicos, biológicos, psicológicos e pessoais, como condições determinantes da velhice. O *Sr. Spica*, compreende a velhice a partir da sua própria vivência, e para defini-la utiliza o critério da idade biológica:

*“A velhice é determinada pela idade. No dia que completei 65 anos, no dia do meu aniversário, eu dei entrada na minha carteira. Hoje eu sou oficialmente idoso”. (Sr. Spica).*

O *Sr. Spica* percebeu-se como velho quando completou 65 anos de idade, já que esta data ficou marcada pela possibilidade de acesso à carteira de idoso, permitindo assim a retirada de sua carteira de passe-livre, que possibilita gratuidade nos transportes públicos de São Luís. Dessa forma, o critério utilizado pelo *Sr. Spica* é o cronológico: que caracteriza a idade da pessoa a partir dos dias, meses e anos de vida que possui (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Na maioria dos casos, as instituições governamentais elaboraram políticas públicas levando em consideração este critério. No Brasil, por exemplo, o Estatuto do Idoso estabelece a idade de 60 anos como um marco cronológico para a velhice. Já o Benefício de Prestação Continuada (BPC), que integra a Proteção Social Básica no âmbito do

<sup>7</sup> 65 anos, solteiro, mora com a namorada. Estudou até ensino superior e vive com renda de 2 salários mínimos.

<sup>8</sup> 68 anos, solteira, mora sozinha. Estudou até ensino superior e vive com renda de 7 salários mínimos. (03) 3322.3222

Sistema Único de Assistência Social (SUAS), estabelece como critério de garantia para esse benefício à idade mínima de 65 anos.

Contudo, o critério cronológico não é visto por todos os entrevistados como marcador da velhice. O Sr. Antares<sup>9</sup> não se reconhecia como velho, ainda que apresentasse a idade de 69 anos. Entretanto, ao ser reconhecido na condição de velho, a partir dos olhos de outra pessoa, percebeu-se como alguém que estaria em processo de envelhecimento, conforme explicita:

*“Eu estava em uma fila do banco, quando uma pessoa chegou perto de mim, pegou na minha mão e me levou pra fila de idosos. Eu já tinha 69 anos. Foi ai que eu disse: eu já ‘tô’ ficando velho mesmo”. (Sr. Antares).*

O depoimento dele nega e ao mesmo tempo afirma a idade que o seu corpo assume em função do tempo. Nega porque ele, mesmo com 69 anos, até então não se sentia velho, tanto que não estava na fila para o atendimento preferencial; porém, só se deu conta quando alguém o conduziu para a fila, o que fez com que se reconhecesse como alguém que estaria ficando velho através da idade que lembrou ter. Diante deste episódio, observamos que o critério biológico fora acionado a partir do momento que a idade é determinada pela aparência física que o corpo demonstra. Os aspectos físicos e biológicos como critérios de identificação da velhice são ressaltados pelo entrevistado Sr. Antares, ao mencionar que a sua aparência despertou na atendente de uma agência bancária a noção de que estava velho.

Outro critério observado para determinar as pessoas velhas é o critério psicológico. A entrevistada, Sra. Aldebaran, ressaltou que a velhice começa no momento em a pessoa desiste de viver e se entrega a solidão:

*“Acredito que é quando uma pessoa desiste de viver a vida, de viver os momentos e se enclausura na sua própria solidão”. (Sra. Aldebaran).*

A solidão pode vir a ser um fator desencadeador para várias alterações psicológicas, como lapso de memória, diminuição de rendimento intelectual, depressões, obsessões e um possível quadro de demência (COSTA, 1998; GATTO, 2005; HALES; YUDOFISKY; GABBARD, 2012).

Entretanto, não existe uma forma exata de determinar quando começa a velhice, através de aspectos psicológicos, pois tais “marcadores” são ineficazes para delimitar o processo de envelhecimento. Há ainda de se considerar a influência da subjetividade do velho e sua relação com a velhice, ou seja, a avaliação que cada um faz de seu envelhecimento em comparação a outros indivíduos de mesma idade (NETTO; BORGONOV, 2005).

A Sra. *Aldebaran*, ressalta, em sua fala, que a idade que tem, assim como o fato de ser denominada de velha ou idosa, não a incomoda, pois o importante é como ela se sente:

*“Eu não me incomodo de ser chamada de velha, idosa ou da terceira idade, o que é importante é o que eu sinto”. (Sra. Aldebaran).*

Neste caso, a idade da Sra. *Aldebaran* está ligada às suas vivências internas, isto é, refere-se à idade que a pessoa sente no seu interior, é a sensação íntima de ser e estar com menos ou mais idade do que a real, ou seja, “é aquela que a própria pessoa determina, que o seu espírito sente, em que a sensação de estar com idade respectiva é mais forte do que qualquer ruga na face” (COSTA, 1998, p. 33).

O critério social diz respeito à avaliação do grau de adequação de um indivíduo ao desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num dado momento da história de cada sociedade (NERI, 2001). Os papéis sociais adotados pelo indivíduo, impostos pela sociedade em que vive, direcionam seu lugar na sociedade de acordo com o dado momento histórico. Com isso, tornam-se mutáveis à medida que se envelhece. Assim, é na velhice, por exemplo, que muitos velhos assumem os papéis de aposentados. A aposentadoria pode representar desde um sentimento de perda, de início da velhice e de aproximação da finitude, até uma nova fase da vida, na qual as atividades de lazer são consideradas centrais pelo velho aposentado e ocupam um lugar importante em sua vida e no uso do seu tempo (SANTOS, 1990). O Sr. *Antares* destaca que a aposentadoria não foi considerada uma conquista e sim uma perda na sua vida:

*“Me obrigaram a aposentar. Perdi muito do meu salário. A idade chegou e o tempo de trabalho ficou para trás. Eu não ganhava mal, mas dava pra viver. Eu acho ruim essa palavra aposentado!”. (Sr. Antares).*

Esse depoimento também nos remete à aposentadoria como um critério socialmente reconhecido da velhice, apontada assim por mudanças de papéis sociais e sendo o marco definidor da velhice. Desta maneira, ao falar em aposentadoria, não podemos deixar de associá-la às mudanças (reais e concretas) na vida do indivíduo velho, principalmente quando há ruptura formal com o mundo do trabalho.

## **Conclusões**

Diante das perspectivas apresentadas, pensamos que a melhor maneira de concluir este artigo é apontando o que apreendemos sobre as concepções de velhices, acionadas nas falas de velhas e velhos aposentados do serviço

público estadual do Maranhão e integrantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI).

No intuito de encontrar respostas para as inquietações sobre as formas de vivenciar suas velhices, acreditamos que compreender como o(a) velho(a) se reconhece e reconhece o seu próximo, foi um dos grandes desafios encontrados no decorrer da pesquisa. Como parte desse processo, o objetivo desse artigo foi o de analisar como são acionados os critérios definidores da velhice(s) a partir das falas de velhas e velhos aposentados do serviço público estadual do Maranhão, integrantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI).

Os relatos demonstram que os termos velhice, velho, idoso e terceira idade referem-se a certos valores sociais pelos quais são legitimados e conseqüentemente percebidos nas práticas dos entrevistados. Os velhos tornam-se produtos e produtores das classificações da velhice no PAI. Nesse caso, o que se percebe é que, embora não se busque explicitamente a distinção, ela existe, a partir do momento que o aposentado se dirige ao que Bourdieu (2007, p. 164) denomina de estilo de vida.

Ao assumirem a categoria idoso, muitos associaram a ideia de respeito em oposição a imagem negativa do velho. O velho, para eles, representa um ser improdutivo, incapaz de trabalhar, cansado, relaxado, sem prazer de viver e que está à espera da morte. Cumpre ressaltar que a visão negativa, compartilhada por um determinado grupo social, justifica-se no comportamento das pessoas em repudiarem a categoria velho, pois, quando um determinado grupo toma para si uma verdade, tende a justificá-la pela afirmação de suas preferências e gostos e pela negação e recusa de outros gostos, ao gosto dos outros (BOURDIEU, 2007). Assim, nos trechos extraídos das entrevistas com os aposentados, pudemos inferir que nos termos velho e velhice há negatividade, e que os mesmos buscam desvencilhar sua condição de velho dos marcadores estigmatizantes. Isso revela também que, a concepção que esses entrevistados apresentam vão de encontro ao que o próprio Programa concebe sobre velhice e ser velho.

Os resultados também mostraram que a concepção de velhice e ser velho são aceitas positivamente no imaginário de algumas pessoas velhas. No ponto de vista desses entrevistados, a velhice é um motivo de orgulho, uma forma de empoderamento e de reconhecimento da sua condição de velho. São essas visões que se aproximam do que propomos em toda a tessitura do trabalho: o reconhecimento de si como velho como o

primeiro passo para desnaturalizar e desmistificar as ideias preconceituosas e estereotipadas da velhice.

Assim, as concepções de velhice(s) acionada(s) pelo(a)s entrevistado(a)s estão carregado de sentidos positivos e negativos, a depender das condições nas quais estes vivem e vivenciam suas velhices. Neste sentido, os relatos demonstraram que os termos velhice, velho e idoso referem-se a certos valores sociais dos quais são incorporados no decorrer de vida dos entrevistados.

É neste embate de e pela legitimação de um ponto de vista, de uma visão de mundo entre aqueles que buscam impor um novo sistema de classificação e os defensores do antigo, que as representações de velhice trazem consigo a classificação dos indivíduos. Assim, a concepção de velhice deve ser estudada e entendida na ótica da pluralidade, tomando para análise os vários conceitos produzidos a partir dos critérios cronológicos, biológicos, psicológicos, pessoais e socioculturais.

É pertinente ressaltar que os relatos demonstraram que o modo como cada entrevistado se reconhece e reconhece o outro como velho (ou idoso) influencia no modo de vivenciar a sua velhice. Assim, os velhos, são produtos e reprodutores das classificações de velhice no PAI, isso significa dizer, a *grosso modo*, que eles mesmos se classificam e são classificados como indicativo do que são, do que fazem, como fazem, porque fazem e quando fazem.”

#### Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção**. São Paulo: Respectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 13 ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Elisabeth Maria Sene. **Gerontodrama**: A velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade. São Paulo: Ágora, 1998.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: Socialização e Processos de reprivatização do envelhecimento. 1ª ed. São Paulo: FAPESP, 2004.

GATTO, Izilda de Barros. Aspectos psicológicos do envelhecimento. *In*: NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALES, Robert E.; YUDOFKY, Stuart C.; GABBARD, Glen O. **Tratado de Psiquiatria Clínica**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

HILLMAN, James. **A força do caráter e a poética de uma vida longa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. **A contrageneralização**. Revista Kairós, São Paulo, v.7, n.1, p.197-199, jun.2004.

NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

NETTO, Matheus Papaléo; BORGONOVI, Nelson. Biologia e Teorias do Envelhecimento. *In*: NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2005.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhos, velhote, idoso, terceira idade. *In*: BARROS, Miriam Morais Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. Estudos de Psicologia, Campinas, 25(4), pag. 585-593. Outubro – dezembro, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>>. Acesso em: 21.02.2015.

SERRA, Jacira do Nascimento. **“Eu Não Tenho Mais Querer”**: Violência Simbólica Contra Idosos. 136f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão/UFMA, São Luís, 2005.

SERRA, Jacira do Nascimento. **A violência contra a pessoa idosa: um olhar sobre a violência estrutural-social em distintos cenários de vida**. 236f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão/UFMA, São Luís, 2014.

ZIMERMAN, Guita I. **Velhice**: Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.